

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

MANIFESTO SEPARATISTA DE CAMPANHA

Concidadãos:

A comissão abaixo-assinada, com os poderes que foram delegados pelos representantes de diversos municípios sul-mineiros, reunidos nesta cidade, no dia 5 do corrente mês, tem a honra de dirigir-vos a todos vós, com o presente manifesto para cientificar-vos da deliberação tomada, tendente a impulsionar o engrandecimento da nossa terra.

Todos vós conheceis o desprezo com que as diversas administrações, montadas em Outro Preto, têm tratado, em todos os tempos, a esta terra, digna por certo de melhor sorte pela sua fertilidade, pelas suas muitas riquezas naturais e pelo caráter de seus filhos, tidos e havidos pelos governos de Minas, nos últimos trinta anos, como enjeitados na sua pátria.

São causas determinantes desse proceder dos governos de todas as épocas, a ambição do centro, a falta de recursos da periferia e norte, e a necessidade de haurir de todos nós, mineiros do sul, e de nossas produções a parte precisa e indispensável para galvanizar Ouro Preto, enriquecer o Norte e satisfazer as ambições dos governadores, quer da antiga província, quer do novo estado.

O nosso território, com os limites naturais de leste e norte do Rio Grande e oeste e sul, nas divisas atuais com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, tem uma área de mais de 3.000 léguas quadradas (uma sexta parte da população do Estado de Minas) e concorre para a administração de Ouro Preto com cerca de 38% da renda total do Estado de Minas...

Esses algarismos demonstram que uma pequena fração do território mineiro (uma sexta parte) tem em si condensada a quarta parte de toda a população do Estado, e que essa população de enjeitados das

administrações de Outro Preto, sem os recursos de que gozam as suas co-irmãs, ainda assim, pelo seu trabalho, pela sua indústria e pela fertilidade de seu solo, consegue produzir tanto que chega a concorrer para os cofres públicos com o equivalente a mais de uma terça parte da renda total do Estado de Minas...

As causas apontadas são já conhecidas desde remotas épocas.

Em tempos idos, os patriotas, filhos desta terra e conhecedores do mal que nos atrofia ainda, tentaram remediá-lo, se não cortá-lo pela raiz, propagando em épocas diversas como recurso único, a separação do nosso torrão, para o construir com administração própria, livrando-o das garras de Outro Preto. Dentre os patriotas, que tão brilhantemente propagaram a nossa separação, devemos rememorar os nomes dos Drs. Antônio Ferreira de Resende, Antônio Dias Ferraz da Luz e do Tenente-coronel Lourenço Xavier da Veiga, que no jornal "Nova Província" iniciaram esta propaganda brilhante e sempre continuada no Sul de Minas e "Monitor Mineiro", até ao advento da República, pelos filhos daquele distinto finado e benemérito patriarca dessa idéia, Tenente-coronel Lourenço Xavier da Veiga, e, ainda por uns destes (Dr. Evaristo Ferreira da Veiga) e pelo atual Senador Dr. Américo Lobo Leite Pereira, corporificado na Câmara dos deputados do extinto Império, em projeto de lei que chegou a ter duas discussões.

Foram infelizes esses patriarcas, porque esbarraram sempre na prepotência da grande maioria dos deputados de Minas, e na desconfiança dos representantes das outras grandes províncias, os quais se opunham à divisão de Minas para evitar a das respectivas províncias.

Em relação ao nosso território ao sul do rio Grande, cumpre rememorar que a distribuição da representação não correspondeu nunca à nossa população e à nossa contribuição; e mesmo agora, em pleno governo republicano, o nosso território só tem como representantes no Estado, três senadores e seis ou sete deputados, quando é certo que devia ser representado por 8 senadores e 16 deputados, porque é a verdadeira proporção da população, riqueza e contribuição.

Posteriormente, outras tentativas tiveram lugar, e, entre essas, como paliativo, a da anexação do território à então província de São Paulo.

Nos últimos tempos, com o advento da República e a consagração da nossa liberdade, deixamos, como de propósito, correrem as coisas, na esperança de que o governo da capital do Estado de Minas, desta vez ao menos, curasse das nossas necessidades, auxiliando a nossa indústria e lavoura e tratando-nos em pé de igualdade os nossos co-irmãos. Engano...

A administração atual só tem servido para aprovar o depotismo para logo curvar-se ante a legalidade, sacrificando os bríos do povo mineiro, montar em nosso torrão uma espécie de jogos malabares, nas intendências, polícia, magistratura, etc., levando-nos assim ao cúmulo de assistirmos impassíveis ao esbanjamento da terça parte da renda do estado, terça parte que é o suor do nosso solo, com embelezamento e obras luxuosas na cidade de Ouro Preto, na estulta pretensão de tornar prestável aquele montão de ladeiras, e permanente ali a capital do estado-colosso, contra as determinações expressas do congresso, corpo e alma da administração, pois que é obra sua, obra de um cérebro enfermo e que já está agindo ao impulso das vibrações determinadas por uma encefalite difusa, segundo afirmam os especialistas.

Os representantes dos diversos municípios foram acordes no reconhecimento do nosso mal crônico, e do remédio único capaz de o estirpar, qual é a separação do nosso território, desmembrando-o do Estado de Minas, “do qual só terá por fronteira o nosso magnífico rio Grande” para construir estado autônomo sob a denominação de “Minas do Sul”.

Só assim reivindicaremos o nosso solo, aproveitaremos as nossas riquezas naturais e nos beneficiaremos com o produto dos nossos impostos.

Os representantes dos diversos municípios resolveram constituir-nos em comissão executiva para proclamar a separação e constituição do nosso território em estado incorporado à Federação Brasileira, sob o nome de Minas do Sul.

Aceito por vós este solene compromisso, é preciso não descansar; auxiliai-nos a manter a nossa independência e a firmar o nosso governo livre, com uma constituição que sirva de modelo aos pósteros, pela garantia de todas as liberdades, qual o projeto que vos apresentaremos, onde além das garantias políticas, temos consignado a obrigatoriedade de auxílio para o estabelecimento e instalação do Episcopado de Minas do Sul, firmando assim, no nosso pacto fundamental, também o laço de união espiritual dos nossos concidadãos.

E que fique o dia de hoje consagrado nos anais da nossa história como o da redenção do povo sul-mineiro, do povo que por mais de meio século tem vivido subjugado pela prepotência dos capitães-mores, presidentes e governadores que se tem substituído na administração de Minas, e que hoje, devido ao seu único esforço, ao seu patriotismo, acaba de conquistar, neste momento, a sua liberdade e a sua autonomia: eis o nosso primeiro dia festivo.

O momento é oportuno, é decisivo mesmo. O patriotismo, o esforço e o heroísmo têm sido em todos os tempos os distintivos do povo sulmineiro. Unamo-nos, pois, todos sem distinção de partido nem de seitas, em um brado uníssimo tão potente, que leve a nossa voz aos últimos recantos de nossa terra e brademos com todo o esforço: Viva a separação... Viva a independência e liberdade de nossa terra... Viva o Estado de Minas do Sul...

Campanha, 5 de fevereiro de 1892. Martiniano da Fonseca Reis Brandão, Manoel de Oliveira Andrade José Luiz Pompeu da Silva.

(Apud Casadei, Thalita de Oliveira/Casadei, Antônio - Aspectos históricos da cidade de Campanha, 134-136. 1989.

*

RELAÇÕES DE CARLOS MAGNO COM OUTROS REIS (Einhardi)

Aumentou ainda a glória de seu reino pelo fato de ligar-se, por amizade, a vários reis e a vários povos. Com efeito, tão estreitamente aliado lhe foi o rei da Gália e das Astúrias, Afonso, que este, quando lhe escrevia ou mandava legados, não permitia que Carlos Magno fosse chamado de outra maneira senão a de seu dono. Também havia submetido os reis escoceses à sua própria vontade por seus presentes e sempre o chamavam de senhor e a si próprios súditos ou servos. Existem ainda cartas mandadas a Carlos por eles, que provam aqueles sentimentos.

Com o rei persa Harum, que era senhor de quase todo o Oriente, excetuando-se a Índia, vivia em tanta concórdia e amizade que este preferia seus favores à amizade dos reis e príncipes do mundo inteiro e Carlos era o único que Harum achava digno de ser honrado com presentes. Daí, quando o legado dos francos mandados por Carlos com donativos ao Santíssimo sepulcro de Nosso Senhor e Salvador, chegaram a ele e explicaram o que seu senhor queria, Harum não só permitiu fosse feito o que pediram como também cedeu aquele lugar sagrado de salvação à alçada de seu poder; aos legados, ao voltarem, deu a companhia dos seus e enviou a Carlos soberbos presentes, constando de vestes, perfumes e outras riquezas das terras do Oriente. Aliás, alguns anos antes, o mesmo mandara a Carlos o único elefante que tinha, quando este o pediu.